
Água e terra, Amazônia e Pantanal, Senna e Bodansky: dois filmes contra a devastação ambiental do país¹

Denise TAVARES²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Há 50 anos, Orlando Senna e Jorge Bodansky, realizaram *Iracema – uma transa amazônica*, filme que impactou profundamente o cinema brasileiro, entre outros motivos, pela ousadia de enfrentar a Ditadura Civil-Militar vigente no país, denunciando sua política de destruição, inclusive ambiental. Considerando essa memória, a comunicação destaca os documentários *Idade da Água*, de Orlando Senna e *Ruivaldo, o Homem que Salvou a Terra*, de Jorge Bodansky visando, especialmente, destacar a contribuição desses filmes na constituição de uma nova sensibilidade ambiental. O movimento implica em análise fílmica a partir da materialidade das obras (Aumont; Marie, 2009), demarcando, também, a resistência e militância dos dois cineastas, agora ainda mais alinhados à luta contra a devastação ambiental do país.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; Orlando Senna; Jorge Bodansky; devastação ambiental;

INTRODUÇÃO

Esta comunicação é, primeiramente, uma homenagem aos dois cineastas que marcaram a história do cinema nacional ao realizarem, há 50 anos, em plena Ditadura Civil-Militar brasileira, o filme *Iracema – uma transa amazônica*: Jorge Bodansky e Orlando Senna. Híbrido de documentário e ficção, *Iracema* acumulou censura e prêmios em sua trajetória, além de reunir uma fortuna crítica significativa, o que só mostra o quanto foi inovador e mantém-se atual por diversos aspectos da sua trama. Filmado em um território de segurança nacional controlado pelos militares, esta obra de 1974 denuncia a ilusão ufanista que era emblema da propaganda oficial do regime do período e está

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: denisetavares51@gmail.com

expressa em seu título – a estrada transamazônica -, trazendo à tona as devastações provocadas pelo governo da época. Ousado temática, estética e estilisticamente, o filme dos dois cineastas confrontou o chamado “milagre econômico brasileiro”, valendo-se de atores e personagens reais que, por seus movimentos e diálogos, anteciparam uma série de questões que só se ampliaram ao longo do tempo, em especial, a destruição ambiental da região e o desrespeito e violência em direção aos habitantes locais.

Essa realidade de destruição objetiva que se ampliou e perpetuou a partir da onipresença de setores predatórios como o extrativismo e o agronegócio (particularmente, a pecuária extensiva) continuou mobilizando Senna e Bodansky, mesmo que não exclusivamente e nem sempre para a mesma região. Assim, considerando a urgência da construção de uma nova sensibilidade em relação à natureza, esta comunicação recorta, da obra destes cineastas, os documentários *Idade da Água*, de Orlando Senna e *Ruivaldo, o Homem que Salvou a Terra*, de Jorge Bodansky. O primeiro foi filmado no final de 2017 e início de 2018, em São Gabriel da Cachoeira (Amazonas), Belém (Pará), São Paulo e Rio de Janeiro. Seu foco é a cobiça internacional pela Amazônia, por tentativas de ocupação de outros países ou para torná-la independente do Brasil. Trata-se de um alerta global sobre a escassez de água doce no planeta e as raízes de uma possível "guerra da água". O filme, cuja duração é de 1h20, entrelaça depoimentos de populações ribeirinhas da Amazônia e lideranças indígenas, inserindo, também, participações especiais da atriz Dira Paes e da cantora Gaby Amarantos.

Articulado por testemunhos da devastação e da luta política, em meio aos grandes planos abertos que reverenciam a força e grandiosidade da região amazônica, este documentário de Orlando Senna, de certo modo celebra o “Bem Viver”, cuja proposta abriga um conceito plural de convivência harmônica de diversos saberes conforme apontam Alberto Acosta (2016; 2018), entre outros. No entanto, sua opção por uma retórica costurada por informações banalizadas pelo jornalismo, amortecem o impacto que o filme poderia ter, principalmente em seu início. Só após ofertar elos entre os cotidianos da região amazônica, suas táticas de afirmação e orgulho identitários, o documentário ganha fôlego. Por outro lado, em função de um orçamento muito limitado, Orlando Senna trabalha como um guerrilheiro e artista multifacetado que é, conseguindo com suas múltiplas competências de escritor, ator, diretor e gestor vinculado à literatura, ao cinema e ao teatro, constituir um libelo político algo mambembe em muitos momentos e, talvez por isso mesmo, tão capaz de nos lembrar que essa produção imperfeita diz muito

do momento político em que estamos. Neste sentido, o filme é absurdamente tocante, mobilizando o desejo profundo de estar, com ele, investindo neste potente produto cultural que é o cinema, tão capaz de fabular novos imaginários.

Já o documentário de Bodansky, que tem duração de 46 minutos, procura evidenciar a degradação gerada pelo assoreamento dos rios em várias regiões do Pantanal, em especial o que ocorreu com o Rio Taquari. Produzido entre março de 2018 e agosto de 2019, o que significou seis viagens ao local, a obra envolveu mais de 40 profissionais que se deslocaram pelo extenso bioma, que hoje – junho de 2024 – enfrenta o maior volume de queimadas da sua história. Neste sentido, o filme, ao centrar sua narrativa na trajetória de vida de Ruivaldo Nery de Andrade oferece, de certo modo, outra visão e versão da relação com a área. Isto porque, movido por um intenso e apaixonado vínculo com o Pantanal, Ruivaldo não mede esforços para lutar contra a devastação que se espalha pela terra onde nasceu e cria seus filhos. Essa visão aparentemente simples de como os vínculos com o local foram construídos por Ruivaldo, tece uma camada narrativa que reenquadra o documentário, impedindo qualquer viés panfletário. Pelo contrário, o que se projeta na tela é um registro sereno e profundo do que está acontecendo há tantos anos na região, indicando, ainda, possíveis caminhos que rompam com esse circuito de destruição. Afinal, o Pantanal é um dos mais importantes ecossistemas do mundo e as transformações drásticas das suas características originais impactam, fortemente, contribuindo para piorar a crise climática.

O documentário de Bodansky integra o projeto “Documenta Pantanal”³ que reúne trabalhos diversos – fotos, livros, filmes – realizados por profissionais de destaque em suas áreas, com o propósito de registrar o bioma. Com *Ruivaldo – o homem que salvou a terra*, o projeto destaca o que é hoje considerado o maior desastre ambiental do Pantanal, um problema que é debatido há muitos anos, mas cujo histórico remonta aos anos 1970, quando a ditadura civil-militar brasileira incentivou, fortemente, a ocupação agropecuária da região. A partir daí, há um intenso desmatamento, alterando o bioma: a bacia do Alto Taquari, conforme o filme, perdeu 851 km² de formações florestais, o que a transformou na bacia tropical mais erodida do mundo, apresentando cerca de 3 mil voçorocas. São mudanças que impactam fortemente pessoas como Ruivaldo, teimando, ainda, em encontrar um caminho para reverter um processo que só se ampliou nas últimas décadas.

³ Disponível em <https://documentapantanal.com.br/>. Acesso em 18 de maio de 2024.

Analisar estes dois filmes no contexto da crise ambiental e da obra de cada um dos cineastas é, enfim, o objetivo desta comunicação. Pretende-se, com essa abordagem, evidenciar, primeiro e a partir destes dois documentários, a fidelidade de Orlando Senna e Jorge Bodansky às suas posições críticas ao capitalismo predatório e destruidor da natureza, algo que já aparece em *Iracema*, onde há diversas sequências em que altas chamas consumindo a mata tomavam toda a tela, antecipando um problema que ganhou proporções imensas ao longo do tempo. Outro momento que também merece ser lembrando é a sequência final protagonizada pelo caminhoneiro Tião Brasil Grande, interpretado pelo ator Paulo César Pereio. Construído como alguém que sobrevive na Amazônia explorando os caminhos do “dinheiro fácil”, o fortemente irônico Tião Brasil Grande avisa que há agora uma nova fonte de renda que substitui o carregamento de madeira (roubada): o negócio atual e mais rentável seria transportar boi. Ou seja, o filme anuncia as queimadas que vão devastar, principalmente a região norte e centro-oeste do país, que hoje estão cada vez mais ocupadas pelo pasto da pecuária intensiva, o que também significa, sabemos, a destruição das matas e florestas das duas regiões.

Vale ressaltar que não se pretende, na comunicação, construir uma linha do tempo da carreira de Senna e Bodansky. O que se pretende é ressaltar a consistência desses realizadores e, ao mesmo tempo, discutir como os dois filmes recortados contribuem para a percepção da urgência de se investir em políticas públicas – e apoiadas pela população – que enfrentem a crise ambiental, na perspectiva de detê-la ou, quem sabe, revertê-la. Nesse sentido, cabe analisar as estratégias estéticas e estilísticas de cada documentário, sem o intuito da comparação. Na verdade, ambos os filmes são concebidos sob a égide do próprio testemunho quanto à escolha temática, em discurso marcado pela militância travestida de um deslumbramento e/ou espanto frente à grandeza da empreitada que é se reconhecer um observador “pequeno” diante da vastidão e grandeza da natureza. Outro caminho comum às duas obras é a valorização dos encontros com pessoas que são eleitas “símbolos” essenciais ao ponto de vista adotado pela narração e, finalmente, o uso da voz off para articular os “acontecimentos” na tela, configurando com maior clareza a “finalidade” ou horizonte que mobilizaram os filmes.

A proposta destes recortes sustenta-se, especialmente, por certas aproximações de linguagem, com a ressalva das singularidades que um produto expressivo, como é um documentário, sempre apresenta. Pretende-se, por esse caminho, como já colocado, discutir as contribuições dos documentários para a constituição dessa nova sensibilidade

na relação com o mundo natural. Um processo engendrado por trilhas argumentativas que friccionam os imaginários tecidos sobre a percepção do mundo natural, este que foi desqualificado desde a intensificação da vida urbana, conforme Thomaz (2010). Agora, já no século XXI, convivemos com a urgência de uma reversão deste processo, em função da inevitável percepção quanto às consequências de um movimento civilizatório sustentado, entre outros, por um processo genocida: extermínio das espécies e dos elementos que constituem o planeta.

A este diagnóstico amplo e algo genérico, contrapomos os caminhos argumentativos desses documentários que contribuem tanto para expressar a gestação dessa nova sensibilidade quanto para revelarem-se integrados a elas. Considerando, portanto, esse cenário, destacamos a estrutura da apresentação, isto é, após destacar, brevemente os dois diretores, analisamos os dois documentários, reconhecendo que a cultura audiovisual hoje é uma das matrizes que nos constituem, que engendram e consolidam imaginários. Portanto, revisar e discutir essas obras implica em ampliar, também, nosso próprio sentido de natureza, talvez nos aproximando do que Morton indica: “O que chamamos de Natureza é monstruoso e mutante, estranhamente estranho até o fundo e em todos os sentidos. Ler o Livro da Natureza é drasticamente difícil” (2023, p. 97). Trata-se, assim, de uma espécie de dever de memória – reconhecer a contribuição de Orlando Senna e Jorge Bodansky – afinado ao que colocou a tanto tempo Bazin (2017, p.179): “o cinema, antes de qualquer inquietação artística, existe para responder às imprescritíveis necessidades psíquicas coletivas reprimidas” (2017, p. 179). No contexto atual, amplificar, ao máximo, a adesão à luta ambiental ou, no mínimo, ser sensível a ela.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. (2016). **O bem viver — Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Autonomia Literária; Elefante, 2016.
- ACOSTA, A. & BRAND, U. **Pós-extratativismo e decrescimento — Saídas do labirinto capitalista**. São Paulo: Elefante, 2018.
- AUMONT, J. & MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.
- BAZIN, A. **O Realismo Impossível**. 1ª ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DILGER, G. & PEREIRA FILHO, J. (2016). Apresentação à edição brasileira – Ousar pensar “fora da caixa”. In Dilger, G., Lang, M., & Pereira Filho, J. (Eds). *Descolonizar o imaginário*:

Debates sobre o pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento (pp. 13-22). Fundação Rosa Luxemburgo.

MORTON, T. **O Pensamento Ecológico**. São Paulo: Quina Editora, 2023.

RAMOS, F. P. Introdução. In Ramos, F.P. (Org). **Teoria contemporânea do cinema. Volume II — Documentário e narrativa ficcional** (p. 14–23). São Paulo: Editora Senac, 2005, p.14-23.

RAMOS, F. P. **Mas, afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008

SVAMPA, M. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina — Conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. São Paulo: Elefante, 2019.

TAVARES, D. Contribuições de Dois Documentários Latino-Americanos Para uma Percepção Ampliada das Mudanças Climáticas a Partir de uma Leitura Decolonial. **Revista Lusófona De Estudos Culturais**, 11(1), e024008, 2024. <https://doi.org/10.21814/rlec.5469>. Disponível em <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/5469>.

THOMAZ, K. **O homem e o mundo natural** – Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia das Letras, 2010.